

1. Introdução

Louvado sejas, ó meu senhor, com todas as tuas criaturas,
especialmente o meu senhor irmão Sol,
o qual faz o dia e com sua luz nos ilumina.
E ele é belo e radiante, com grande esplendor:
de ti, altíssimo, é a imagem.

Louvado sejas, ó meu senhor, pela irmã Lua e as Estrelas:
no céu as acendeste, claras, e preciosas e belas.

Louvado sejas, ó meu senhor, pelo irmão Vento
e pelo Ar, e Nuvens, e Sereno, e todo o Tempo,
por quem dás às tuas criaturas o sustento.

Louvado sejas, ó meu senhor, pela irmã Água,
que é tão útil e humilde, e preciosa e casta.

Louvado sejas, ó meu senhor, pelo irmão Fogo,
pelo qual iluminas a noite.

E ele é belo, e jovial, e vigoroso e forte.

Louvado sejas, ó meu senhor, pela nossa irmã a mãe Terra,
que nos sustenta e governa, e produz variados frutos,
e coloridas flores e ervas.¹

Este trabalho visa contribuir para o debate em torno dos fundamentos da elaboração jurídica no contexto contemporâneo sobre a crise paradigmática. A designação da multifacetada crise contemporânea como paradigmática se justifica não apenas porque ela abrange os mais importantes aspectos da vida social e da vida privada, mas também porque inclui uma profunda transformação sobre as concepções dominantes tanto no terreno da ontologia quanto no da epistemologia, caracterizando, ainda, uma profunda transformação antropológica.

Nesta perspectiva, diversos conceitos centrais ao paradigma em declínio são confrontados com outros alicerçados nas concepções emergentes. Assim, individualismo, conflito, conquista e dominação são substituídos por singularidade, solidariedade, cuidado e criatividade. A discussão desses conceitos ultrapassa obviamente o campo do direito, mas eles são certamente centrais ao

¹ Cântico das criaturas – São Francisco de Assis. A escolha por iniciar a presente pesquisa com as palavras de Francisco se dá por seu profundo sentimento de conexão com todos os seres. Um dos legados mais fecundos de Francisco é a pregação da paz, tão urgente nos dias atuais. A primeira saudação que dirigia aos que encontrava era desejar “Paz e Bem”. A paz que ansiava não se restringia às relações inter-pessoais e sociais, buscava uma paz perene com todos os elementos da natureza, tratando-os com o doce nome de irmãos e irmãs. Especialmente a “irmã e Mãe Terra”, como dizia, deveria ser abraçada pelo amplexo da paz. Seu primeiro biógrafo Tomás de Celano resume maravilhosamente o sentimento fraterno do mundo que o invadia ao testemunhar: “Enchiasse de inefável gozo todas as vezes que olhava o sol, contemplava a lua e dirigia sua vista para as estrelas e o firmamento. Quando se encontrava com as flores, pregava-lhes como sendo dotadas de inteligência e as convidava a louvar Deus. Fazia-o com terníssima e comovedora candura: exortava à gratidão os trigais e os vinhedos, as pedras e as selvas, a plantura dos campos e as correntes dos rios, a beleza das hortas, a terra, o fogo, o ar e o vento”. Para um olhar mais profundo de Francisco, sugere-se a leitura de BOFF, L. *A oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual*. Petrópolis: Vozes, 2012.

aprofundamento da reflexão jurídica e ao papel do direito na vida social. O contexto de crise civilizacional – da qual a crise paradigmática faz parte - torna essa reflexão abrangente cada vez mais necessária e urgente.

O futuro próximo da vida na Terra pode ser entendido como um tempo de “compressão planetária”.² Torna-se cada vez mais evidente que nosso tempo se caracteriza pelo acelerado agravamento da crise ecológica, pela degradação do meio ambiente e pela crescente escassez de recursos naturais essenciais. Os desafios que essa situação põe para a espécie humana são gigantescos e, dependendo das respostas que sejam dadas, as mudanças em curso podem levar a humanidade a uma profunda transformação de valores, modalidades de relacionamentos e de reprodução da vida - caracterizando um novo salto evolutivo - ou agravar as tendências atuais, aprofundando o processo de miséria material, moral e psicológica, de violência e a dinâmica autodestrutiva.

Na primeira alternativa, a construção de uma nova civilização planetária se alicerça num respeito absoluto a todas as formas de vida, abandonando o antropocentrismo predatório, substituindo-o por um novo humanismo caracterizado pela compreensão da solidariedade existente entre todas as formas de vida e pelo papel central que deve ser atribuído ao cuidado como condição essencial para a manutenção e desenvolvimento da vida em todas suas formas. A escolha desta opção é chamada por Macy³ como o momento da “Grande Virada”.

Para a autora, as sementes dessa “Grande Virada” estão brotando em inúmeras ações em defesa da Terra, fruto de novas e ousadas percepções, tanto da ciência como da espiritualidade. Embora pouco noticiada, está em curso uma revolução silenciosa, provocando mudanças sem paralelo em nossas maneiras de ver, pensar e entrar em contato com o mundo. Se trata, portanto, de uma transição marcante de uma sociedade autodestrutiva e voltada para o crescimento industrial para uma sociedade que dá sustentação à vida.⁴

Na perspectiva analisada, entendemos como espiritualidade a crescente compreensão da interconexão existente entre tudo o que existe; a concepção da natureza como um organismo vivo e autopoietico; e o conhecimento como uma

² ELGIN, D. *Simplicidade Voluntária*: em busca de um estilo de vida exteriormente simples, mas interiormente rico. São Paulo: Cultrix, 1993, p. 120.

³ MACY, J. e BROWN, M. Y. *Nossa vida como gaia*: práticas para reconectar nossas vidas e nosso mundo. São Paulo: Gaia, 2004.

⁴ *Ibidem*, p. 20.

construção humana que – em oposição ao delírio onipotente da modernidade iluminista – reconheça, ao mesmo tempo, tanto seu valor e necessidade quanto sua impotência para ultrapassar aquilo que, inapreensível pela razão conceitual, os antigos denominavam “mistério”.

Essa nova perspectiva se nutre da consciência do papel central e privilegiado da espécie humana no contexto do existente. É um privilégio estar vivo neste belo e autopoiético universo: participar da dança da vida com sentidos para percebê-la, pulmões para inalá-la, órgãos que extraem insumos dela; receber a vida humana, com sua consciência auto-reflexiva que nos conscientiza de nossas próprias ações e que nos dá a habilidade de escolher, permitindo-nos optar pela participação na cura de nosso mundo, participando desta “Grande Virada”.

Nosso trabalho é necessariamente multidisciplinar e, na sua realização, procuramos conservar o máximo de objetividade possível, diversificando nossas fontes de informação, mas nossa posição não é neutra. Nossa compreensão teórica é indissociável dos valores que a inspiram. O conhecimento discursivo é, como se sabe, um conhecimento construído. Ele resulta tanto dos pressupostos que o embasam quanto das experiências que escolhe privilegiar por serem adequadas à intenção que guia a construção do conhecimento. Impulsionado pela afirmação do antropocentrismo, e pela crença na potência do conhecimento racional, o paradigma moderno teve como elemento a impulsioná-lo o objetivo de conquistar e dominar. Tendo como primeiro alvo o conhecimento da natureza e seu domínio, a dita atitude se estendeu ao conhecimento e dominação da vida social. Deslumbrado pelo extraordinário sucesso da nascente ciência moderna na manipulação de processos naturais, e tendo reduzido o campo das experiências de conhecimento aos experimentos controlados da ciência, o paradigma moderno tornou-se reducionista. Sua compreensão da Natureza ficou reduzida a seus aspectos redutíveis a processos de determinação, únicos acessíveis para a ciência moderna. Produziu-se, assim, a ideia de uma realidade natural homogênea, isto é, inteiramente regida por leis de determinação que, apresentando uma organização racional, seriam acessíveis à razão humana. A consequência óbvia desta crença foi a afirmação da capacidade potencial da razão de se apropriar do conhecimento da totalidade das leis que regem o real e, portanto, de dominá-lo e manipulá-lo. Essas crenças - fartamente desmentidas pela ciência e saberes contemporâneos -

sustentaram a onipotência epistemológica iluminista e a expansão do antropocentrismo predatório.

O presente trabalho se enquadra no processo em curso de crítica desse paradigma e das práticas sociais de conquista e dominação que ele impulsiona. Cientes da extrema heterogeneidade do real, sustentamos a complexidade não apenas de suas formas de ser, mas também das modalidades de conhecimento.

Entendendo o ser humano como ser de criação – tema que abordamos no capítulo três- recorreremos à imaginação utópica ⁵ para desenhar os primeiros traços de horizontes novos, anunciados pelo paradigma emergente através da elaboração dos chamados novos saberes emergentes.

Nesses “novos saberes” convivem ideias novas, brotadas dos conhecimentos produzidos pelas ciências e saberes contemporâneos, associados aos saberes antigos, que a modernidade iluminista desconsiderou e recalçou na medida em que não se harmonizavam com a onipotência racionalista que a inspirara.

É importante esclarecer esse ponto: a crítica à arrogância racionalista não significa em absoluto a desvalorização do papel fundamental da razão. Essa é um atributo fundamental da espécie e precisamos dela de maneira cada vez mais imperiosa para podermos sobreviver à enormidade da crise provocada pelo racionalismo. Entendemos por racionalismo a atitude intelectual que sustenta ser a razão a única forma confiável de conhecimento, lhe atribuindo ao mesmo tempo a capacidade potencial de conhecer todo o existente.

Nesse contexto, nada melhor que lembrar a opinião de Albert Einstein que afirmava ser “a mente intuitiva uma dádiva de Deus e a mente racional um fiel servo” acrescentando que “temos uma sociedade que cultua o servo e esqueceu o dom”.

Cabe, ainda, lembrar a opinião desse grande cientista sobre o papel do Mistério. Longe de confundi-lo com a ignorância – que pode ser superada pelo conhecimento- afirmava que

(...) a coisa mais bonita que nós podemos experimentar é o mistério. É a fonte de toda arte verdadeira e de toda ciência verdadeira. A pessoa para quem esta emoção é estranha, quem já não pode parar para se perguntar e levantar-se em êxtase, está como morto: seus olhos estão fechados. ⁶

⁵ Em resposta à pergunta “para que serve a utopia” o escritor uruguaio Eduardo Galeano responde “para caminhar, ela é como o horizonte que, sendo inatingível, mostra o caminho”.

⁶ Apud LABORDE-NOTALLE. *La videncia y el inconsciente*. Buenos Aires: Paidós, 1992.

Se no terreno do conhecimento as ciências e saberes contemporâneos nos fornecem as sementes de uma nova concepção, no campo das práticas sociais o mundo é hoje um campo de experimentação imensa sobre novos arranjos espaciais, culturais e sociais. A análise de algumas dessas experiências sustenta a imaginação utópica que neste domínio se afirma pela radicalização da democracia.⁷

Há, nos dias atuais, uma notável reinvenção da vida comunitária graças aos movimentos populares, às lutas pelos direitos humanos, à sociologia da libertação e às culturas populares comunitárias. Esse movimento visa a reinventar a comunidade através de um conhecimento emancipatório que habilite seus membros a resistir ao colonialismo e a construir solidariedade pelo exercício de novas práticas sociais que conduzirão à formas novas e mais ricas de cidadania individual e coletiva.

Para a abordagem dos temas expostos, a divisão dos capítulos se inicia com uma análise crítica acerca do paradigma dominante, segue para a compreensão dos fundamentos propostos pelos novos saberes ecológicos e culmina com a exposição das chamadas comunidades sustentáveis, as entendendo como um estudo de caso materializador de um novo paradigma emergente, vez que constituem um ambiente favorecedor para a atualização do verdadeiro *self* conforme definição do psicanalista inglês Donald Winnicott.

Ao fim, esse trabalho visa inspirar esperança e criatividade em torno daqueles que se esforçam para aumentar a qualidade e o vigor da comunidade da vida na Terra, engrandecendo o movimento da “Grande Virada”.

⁷ SANTOS, B. S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.